

Caramulo 22-7-976

Bernardo

Já no Caramulo, procurei no pequeno arquivo do Museu e alguns recortes de jornais, tudo quanto o pudesse interessar sobre a documentação referente às Tapeçarias.

Há um artigo de Luis Reis Santos e outro de Maria Yvi Mendonça, que me pareceram os mais completos. Mandou-lhe um outro em inglês com a descrição de uma das Tapeçarias "a casa do Leão".

As fotogr. cópias saíram numa minúscula; por isso, rasguei a folha que contém o artigo de M^o Yvi Mendonça e mandei agradecer, que depois, me devolva

Bernardo

verre, para voltar a por no
ritio.

Quanto às fotografias das
tapeçarias, espero que já as
tenha em seu poder.

Se me esqueci de mandar al-
gum possumo, dê-me notici-
as. Estarei ao seu dispor a-
de o puder ajudar.

Com os meus melhores em-
primentos

Uladislava Janda

OS PORTUGUESES

144 na Pérsia e na Índia

Por MARIA JOSÉ DE MENDONÇA

NA exposição de obras de arte de influência portuguesa persa do tipo chamado «portugues», provenientes do Oriente e dos princípios do século XVII, parada Flandres que pertencem ce-nos ser uma das espécies mais in- do Museu do Caramulo e agora se expõem na Galeria do S. N. L., a representação das artes do tecido é muito importante, vindo enriquecer o Património com peças valiosas e algumas únicas nas colecções nacionais.

O pequeno fragmento do tapete são características as cenas marítimas com os barcos e tripulação representados á maneira do Ocidente. No fragmento que pertence ao Museu do Caramulo vêem-se os dois

Na opinião de alguns orientalistas, como Kühnel e Bode, estes tapetes seriam chamados «portugueses» por se destinarem a Portugal e a Goa, mas, a origem dessa designação, pode talvez explicar-se pelos próprios motivos da composição. O estudo dos exemplares deste tipo de tapete persa que, em numero restrito se encontram nas colecções da Europa e da America foi feito por A. U. Pope na obra — «Survey of Persian Art».

Se a influência do gosto e dos costumes dos portugueses e sen-ivel em algumas formas de arte dos oros do Oriente, nos séculos XVI e XVII, na arte do Ocidente, particularmente na Tapeçaria, essa influência deu origem a um genero de composição que teve grande voga nas oficinas flamengas da 1. metade do século XVI e se prolongou, em «emulscen- cias tardias, nas manufacturas flamengas dos séculos XVII e XVIII

São os panos de armar representando as criaturas e os animais exóticos das regiões que os Descobrimientos dos Portugueses tornaram mais conhecidas na Europa. Os panos da Conquista da India mandados tecer por D. Manuel na Flandres, devem ter servido de modelo para a interpretação mais ou menos fantástica do exotismo oriental feita pelos debuxadores flamengos nas «apeçarias á maneira de Portugal da India».

Na exposição occupam lugar de destaque quatro tapeçarias desse genero feitas na Flandres, na 1. metade do Quinhentos, e recentemente adquiridas em Inglaterra.

Os documentos acerca do fabrico (primeiros decénios do século XVI), nas oficinas de Tournai de Jean Grenier e Arnold Poissonier e em Brucelas na officina de P. van Aelst, de tapeçarias «á la manière de Portugal et de l'Indie» ou «Voyage de

(Continua na 11.ª pág.)



CORTEJO — Tapeçaria da armação da «India». Tournai. 1.ª metade do séc. XVI. Co accção Burrell. Museu do Glasgow

barcos, com seu tripulante musico e o capitão de gorra emplumada, a cena completa inclui a figura de um homem, meio submerso nas aguas, e não muito afastado, corpulento animal marinho.

A cena foi interpretada por Surre como representando a Historia de Jonas. Numa comunicação feita há tempo no Museu de Arte Antiga, referi-me á possibilidade da composição se relacionar com a Historia de Arion, tema que foi frequentemente tratado pelos debuxadores das colchas indo-portuguesas do século XVII.

O macaco ou bugio, a trepar pelo mastro da embarcação maior, e outro motivo que mostra a influência dos usos portugueses. A importação dos bugios fê-la Portugal desde o século XVI, das regiões da Asia, Africa e Brasil, e daqui eram enviados para outros países. «De Portugal saem para delicias e recreação de outras gentes muitos bugios de diversas feições».

OS PORTUGUESES NA PÉRSIA E NA ÍNDIA

(Continuação da 1.ª pág.)

Caluco) ou *agens et bestes sauvages à la manière de Calcutta*, são desde longa data conhecidos e foram reunidos por H. Göbel na sua monumental história da Tapeçaria — «Wandt-piches», publicada em 1923.

Sabe-se também e foi Luis Kell o primeiro a dizê-lo, que as tapeçarias hoje agrupadas sob essa designação não podem ser identificadas com os panos da Conquista da Índia, mandados tecer por D. Manuel.

Especialistas estrangeiros — Farcy, Göbel, Böttinger, Marillier, Ackerman, etc. — têm-se ocupado dos exemplares que se guardam em colecções da Europa e da America mas, julgo que está por fazer, a seriação das espécies existentes, o estudo da origem dos elementos exóticos que os cartonistas mengos representam nessas composições e a sua relação com os assuntos que deviam figurar, segundo as instruções de D. Manuel, nos panos da Conquista da Índia.

A série mais importante que se conhece e a que existe, ha seculos, na colecção dos Marqueses de Dreux-Breze.

Tive a oportunidade de, há dois annos, examinar essas tapeçarias em Paris.

Como se sabe, compõem-se de três panos de vastas dimensões (cerca de

1 x 8 m) representando o Cortejo, o Desembarque e a Caçada aos Leões.

Essas tapeçarias têm sido relacionadas com a compra que Filipe o Belo fez a J. Gremer julgando-se que a oferta se destinava a um senhor de Breze que teria prestado serviços nas negociações do casamento do futuro Carlos V com Cláudia de França, filha de Luis XII.

Os trabalhos de restauro feitos nos panos do Desembarque e da Caçada e o estado de deterioração em que se encontra o pano do Cortejo desvalorizam esta serie que, não obstante, conserva ainda elementos suficientes para se apreciar a excelência do fabrico, no vigor da modelação das figuras monumentais, e do colorido, feito de contrastes intensos dos tons de vermelho e de azul, característicos da boa época de Tournai.

Se a serie da colecção Dreux-Breze é a mais completa e aí reside hoje, particularmente, a sua importância, mais de carácter documental do que artistica, o exemplar que se me affigura ter conservado melhor as virtudes desta vasta composição que devia ser verdadeiramente magnifica nas produções das grandes oficinas da época, é a tapeçaria que pertence ao Museu Real de Estocolmo — que foi pormenorizadamente estudada por John Böttinger, num artigo que se encontra traduzido e publicado em português («Revista de Guimarães»). O pano representa o Cortejo, sendo a composição semelhante à da colecção Dreux-Breze.

O tema do Cortejo, mas com variantes das tapeçarias já mencionadas, é representado no exemplar do Museu de Artes Decorativas de Barcelona, aí conhecido pelo titulo de Emigracion Asiática. Esse exemplar deve pertencer a uma das séries mais antigas porque nele aparece a cercadura com a saneja de tintinábulo e romãs que se vê nas espécies Dreux-Breze e de Estocolmo.

Nas reservas do Museu Victoria and Albert, de Londres, guarda-se outro exemplar do mesmo assunto — The Giraffe, Caravan. Embora o estado de deterioração em que se encontra mal permita fazer uma ideia da composição, conservou-se um pormenor da cercadura inferior que não aparece nas outras tapeçarias e que pela expressão gótica dos ornatos, formando um friso de flores, leva a supor que se trata de um exemplar vindo das séries mais antigas.

Na colecção de Sir William Burrell, hoje incorporada no Museu de Glasgow, existe uma sola tapeçaria do Cortejo esta mais tardia, que foi relacionada por H. C. Marillier com as séries tecidas na oficina de Arnold Poissonier. O pano mostra-nos uma nova variante do tema que se vê repetido numa das tapeçarias do Museu de Caramulo.

Na Inglaterra encontra-se ainda um fragmento nas colecções do Duque de Rutland.

Na Fundação Ricardo Espírito Santo existe um grande fragmento de uma tapeçaria do Cortejo, proveniente da colecção Sydig, da America, que Göbel atribui, com reservas, a fabrico de Audenarde.

Vejamos agora os outros temas da armação.

Da colecção de Mrs. Harold Pratt fez parte uma tapeçaria ou fragmento do Desembarque, com a cercadura de tintinábulo.

Em 1931, vendeu-se em Paris um pano do Desembarque, possivelmente de Bruxelas, porque a cercadura mostra a decoração de ramos soltos, característica das oficinas bruxelasas dos principios do sec. XVI.

No Museu Victoria and Albert existem os dois extremos dum exemplar do mesmo assunto, com cercadura idêntica a do pano anterior. Esses fragmentos estão actualmente expostos na galeria de Tapeçaria Gótica, com o titulo Landing at

No Museu Victoria and Albert existem os dois extremos dum exemplar do mesmo assunto, com cercadura idêntica a do pano anterior. Esses fragmentos estão actualmente expostos na galeria de Tapeçaria Gótica, com o titulo Landing at Calcutta.

Göbel reproduz um fragmento no Desembarque que estava á venda em Berlim, em 1923

Da Colecção Morgan fez parte uma tapeçaria da Caçada que parece ser da mesma época da serie Dreux-Breze.

A serie do Museu do Caramulo é constituída por tres grandes tapeçarias que representam diferentes aspectos do desenrolar do tema do Cortejo, e por um pequeno fragmento do pano do Desembarque, em que se vê o pormenor curioso da figuração da Imaculada numa bandeira dos navios.

Trata-se de um exemplar importante para o estudo da iconografia da armação da Índia, por ser o unico em que o tema do Cortejo occupa mais de um pano da mesma serie. Quanto ao fabrico, parece-me já tardio e próximo, pelo menos no colorido, do exemplar da Fundação Ricardo Espírito Santo.

Num trabalho em preparação, anunciado há meses pela «Editorial Artis», terei oportunidade de me ocupar destas tapeçarias agora, felizmente, incorporadas no Património Nacional.

MARIA JOSE DE MENDONÇA

Artigo de LUIS REIS-SANTOS

Se é, já hoje, considerável o inventário das obras de arte conhecidas que reflectem influências portuguesas no Próximo e no Extremo-Oriente, no decorrer dos séculos XVI e XVII, o mesmo não acontece com a iconografia de factos ocorridos na Índia e relacionados com a nossa história, durante o reinado glorioso de D. Manuel.

Nessa iconografia, sugestivamente evocativa, destacam-se, como exemplares raríssimos, as tapeçarias a maneira das Índias ou de Calcutte.

É para estranhar e lamentar que tendo sido vendidos no estrangeiro, le há um século para cá, panos de arrás com assuntos indo-portugueses, so recentemente, e por iniciativa particular, fossem adquiridas e viessem para o País algumas dessas tapeçarias: há poucos anos, uma, comprada pelo Dr. Ricardo Espírito Santo Silva, para a sua benemerita Fundação; e agora, quatro, das quais três para o Museu do Caramulo e uma para o Museu da Marinha.

Exceptuando os escritos, em que Luis Keil expôs as suas opiniões, acerca das referidas tapeçarias, são infelizmente nulas ou de pouco merecimento as referências contidas na precária bibliografia nacional da especialidade.

Luis Keil, que a julgar pelos trabalhos publicados, deve considerar-se o mais competente historiador português (no nosso tempo) de tapeçaria; possuidor de faculdades indispensáveis, hoje raramente conjugadas - a intuição, a vasta cultura geral artística e a experiência; o método e o espírito científico - foi quem primeiro reconheceu, entre nós, o alto valor dos panos de arrás, chamados vulgarmente "de Vasco da Gama" e "da Índia", sendo para lastimar o desastre brutal que o vitimou, impedindo-o de ordenar o publicar os seus grandes conhecimentos da matéria e as conclusões a que, certamente, chegou, depois das muitas viagens e das persistentes investigações que fez.

O assunto merece um estudo pormenorizado, em que se cataloguem, descrevam e classifiquem, sistematicamente, os exemplares conhecidos, relacionando-os com a documentação coeva que, essa também, deve coligir-se metodicamente e criticar-se.

Se as magníficas tapeçarias do Museu do Caramulo e do Museu da Marinha induzem a meter ombros à tarefa tão sedu-

tora como essa, ela só poderá ser levada a efeito, proveitosamente, depois de terem sido estudados, um a um, os exemplares das séries diversas que sabemos existirem em várias localidades, museus, colecções particulares, etc.

Foram a descoberta do caminho marítimo para a Índia, a segunda viagem de Vasco da Gama e o conhecimento que das terras, das gentes e das coisas do Malabar se teve na Europa que forneceram os temas inspiradores destas famosas tapeçarias.

Sabe-se desde 1880 que o rei D. Manuel I mandou tecer uma série de vinte e seis panos relativos ao descobrimento e à conquista da Índia. E tudo leva a crer que não só parte desse conjunto, decerto magnífico, foi, pelo menos, executada; mas que, porventura, um desses panos escapou ao terramoto de 1755, que deve ter destruído todos os outros.

O seu paradeiro é, porém, actualmente desconhecido.

Sabemos também que o "Venturoso" ordenou que fosse enviado ao negus da Abissínia um magnânimo presente de obras de arte e utensílios vários, pinturas, peças de mobiliário e de ourivesaria, órgãos (com seus tangedores!), armas e livros, além de roupas e tecidos, entre os quais figuravam "paramentos de Ras meãos de feçuras", "dous pannos de Ras de feçuras", "outros dous pannos de quimze ate 16 couodos", etc.

Sabemos, ainda, que antes de 1512 Afonso de Albuquerque remeteu uma tapeçaria para Malaca e se dispunha a mandar outra ao Preste João, por ser "cousa muito prezada".

Mas não nos afastemos do assunto especial destas linhas-tapeçarias a maneira de Portugal e da Índia, tecidas e adquiridas na Flandres - que aquele outro aspecto da questão levar-nos-ia muito longe...

A glória dos feitos lusitanos, o exotismo das raças e dos costumes, da fauna e da flora da nossa Índia, a que os Flamengos chamaram genericamente "Coloen", provocaram, então, natural curiosidade e justificado interesse, deslumbrando, principalmente, Lisboa e Antuerpia, os dois mais importantes portos da Europa ocidental e setentrional.

Em 1502 - informa o cônego Thiery - os Portugueses causam sensação, entrando em Antuerpia com animais das Novas Índias.

Cerca de 1504, é editado, em Antuerpia, o interessantíssimo "Calcoen", relato de um flamengo, da viagem efectuada no ano de 1501, "que um homem escreveu por sua mão até onde navegou, com 70 navios, até Calecute, na Índia"; e, em 1508, Jan Van Doesborch publica o célebre jornal de Américo Vesputio "Die Reyse van Lissebone", de 1505-1506.

As contas de Filipe, "O Belo" registam uma compra feita em 1504 ao famoso tapeceiro Jean Grenier, de Tournai, "de riche tapisserie, bien richement faicte à la manière de Portugal et de Indie", para ser enviada ao seu embaixador Jean Richart de France, dont n'est besoyn icy de faire déclaration de Luxembourg a fin de este presentear, com ela, "aucun seigneur de France, dont n'est besoyn icy de faire déclaration".

Tapeçaria da Índia

Presente

"Coloen"

animais

linhas

1504

Depois, em 1570, o conhecido Arnold Poissonier, também de Tournai, vende ao imperador Maximiliano I, uma outra série de tapeçarias, denominada "histoire de gens et bestes sauvages a la maniere de Calcut".) 1570

Três anos depois, os magistrados de Tournai compram ao mesmo tapeceiro, uma outra série de tapeçarias da HISTÓRIA DE CALECUTE para oferecer a Robert Wyftel, conselheiro de Henrique VIII de Inglaterra.) 1573

Arnold Poissonier deixa, já tecida, quando morre em 1522, uma "chambre de tapisserie de Calcou en 9 pièces".) 1522

E, nesse mesmo ano, Pieter Van Aelst, de Bruxelas, vende seis tapeçarias de história indiana, com elefantes e girafas.) 1522

- + -

Esta é uma parte, apenas, da documentação reunida acerca das encomendas e aquisições feitas em Tournai e em Bruxelas, no primeiro quartel do Século XVI, de tapeçarias executadas a maneira de Portugal e da Índia.

Relacionar os documentos com os espécimes que subsistem não é tarefa muito difícil para quem estuda a arte flamenga quinhentista e, em especial, a evolução dos estilos, o desenho dos cartões para tapeçarias e vitrais, a gravura e a pintura, a indumentária e a armaria da época.

E, assim, não é improvável determinar-se muito em breve, a oficina em que foram tecidas as tapeçarias já pertencentes ao património artístico da Nação.

Entre as séries atrás mencionadas, há duas que se referem, evidentemente, aos dois maiores núcleos de peças deste género, que foi possível, até hoje, encontrar: o da coleção do marques de Dreux-Brezé (França) e o do Museu do Caramulo e do Museu da Marinha (Portugal) este último actualmente exposto no S.N.I.

O primeiro núcleo, constituído por três panos, conhecidos pela MARCHA TRIUNFAL, A CAÇA AOS LEÕES e os NAVIOS, embora importante no ponto de vista histórico, encontra-se num estado de conservação deplorável: "que pena faz ver uma tão bela peça em semelhante descalabro!" - exclamou Farcy quando se ocupou do primeiro pano deste grupo.

Coleção Dreux
↓

O segundo pano, cortado ao meio, foi muito restaurado, tendo-se perdido nele certos elementos de estudo e pormenores de interesse.

Relativamente ao terceiro pano, que ostenta a legenda Indae Novae, esse já fora beneficiado num "atelier" de Champfleury, próximo de Alençon, quando Louis de Farcy o descobriu e publicou.

- + -

Portugal possui, ainda, como disse, uma destas curiosas tapeçarias, na Fundação do Dr. Ricardo Espirito Santo Silva.

Entre outras do mesmo género, dispersas pelo estrangeiro, são frequentemente referidas, pelos que se ocupam deste assunto, a do Victoria and Albert Museum, de Londres, e a do Nationalmuseum, de Estocolmo.

Qualquer destas é, porém, relativamente às nossas de importância secundária.

A de Londres, representando uma MARCHA TRIUNFAL, idêntica à da colecção de Dreux-Brezé, foi tão mal tratada "que qualquer tentativa de restauro parece constituir um trabalho melindroso", como notou John Böttinger no seu excelente estudo acerca do pano de Estocolmo.

E este, que é posterior ao da colecção Dreux-Brezé com o mesmo assunto, e não passa de cópia com variantes da composição dele, está, também, como confessou aquele conhecido crítico sueco, num estado confrangedor.

As prudentes reservas suscitadas por Böttinger quanto à origem flamenga, e particularmente de Tournai, das tapeçarias deste género, existentes na França, na Inglaterra e na Suécia, deixa de ter razão de ser se considerarmos certas afinidades de técnica e de estilo que as aproximam, incontestavelmente, dos panos da série de Judith e Holophernes dos museus de Arte e de História de Bruxelas, e de outro da igreja de Natilly, de Saumur, cuja procedência não sofre discussão.

.....

FRENCH & COMPANY *Inc.*

210 EAST 57TH STREET

NEW YORK 22, N. Y.

WORKS OF ART
PAINTINGS SCULPTURE
FURNITURE TAPESTRIES
DECORATIONS

CABLE "FRANCOART-NEW YORK"

TELEPHONE

PLAZA 3 9650

June 25, 1957

Museu Do Carmulo,
Rua Artilheria Um 34 R/C
Lisbon, Portugal

An important early 16th century French Gothic tapestry representing the Lion Hunt, one of the celebrated series known as the East India Set, based on the voyages of Vasco da Gama, who sailed in 1497 from Portugal for the Indies and succeeded in reaching Calicut.

This tapestry represents members of Vasco da Gama's crew engaged in a lion hunt. The tapestry is rich in coloring and is enclosed in a narrow frame-like Gothic border, with quaint valance-like effect at the top. Very few examples of the India series remain extant, and records show that one fragment is in the collection of the Marquis de Droux Bresse; two fragments sewn together to make one piece, is in the Victoria and Albert Museum; a set of three in the Chateau de Bresse in Anjou; one in the Swedish National Museum in Stockholm, and a panel in the collection of Mrs. Harold I. Pratt of New York.

From the Collection of the Late
J. Pierpont Morgan, Esq. and
described and illustrated in
the catalogue of the Morgan
Collection of tapestries.

004/0459

The author, Mr. Seymour de Ricci
at the time the book was compiled
was not aware of the actual
story represented by the Lion
Hunt, as recent research has dis-
closed.

Size: 10'6" x 17'6"

Price \$ 7,500.00